



**UM “VISTOSO ALTAR NO TEMPLO DA MINERVA AMERICANA”:
EM TORNO DE ELOGIOS BIOGRÁFICOS SOBRE O SR.
VARNHAGEN**

***A “SHOWY ALTAR IN THE MINERVA AMERICANA TEMPLE”:
AROUND BIOGRAPHICAL PRAISE ABOUT SR. VARNHAGEN***

Ana Priscila de Sousa Sá¹

RESUMO: O artigo realizou um percurso por elogios biográficos promovidos no interior do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) em homenagem ao historiador paulista Francisco Adolfo de Varnhagen, o Visconde de Porto Seguro. Salvo algumas ponderações sobre a aridez de seu estilo de escrita e críticas pontuais em outros aspectos, nesses elogios Varnhagen sempre acabou aparecendo como o maior historiador do Império. O material básico, portanto, foi textos produzidos no século XIX e posteriores, no intento de compreender como essa imagem do Varnhagen grande historiador da nação brasileira foi construída por contemporâneos e pósteros. Na reta oposta, foi oferecido um contraponto, o ensaísta Manoel Bomfim, talvez maior crítico da obra varnhageniana já no início do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Varnhagen; IHGB; Elogios biográficos.

ABSTRACT: The article made a journey through biographical praises promoted inside the Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) in honor of the São Paulo historian Francisco Adolfo de Varnhagen, the Visconde de Porto Seguro. Except for some considerations about the dryness of his writing style and specific criticisms in other aspects, in these praises Varnhagen always ended up appearing as the greatest historian of the Empire. The basic material, therefore, was texts produced in the 19th century and later, in an attempt to understand how this image of Varnhagen, a great historian of the Brazilian nation, was constructed by contemporaries and posters. On the opposite side, a counterpoint was offered, the essayist Manoel Bomfim, perhaps the greatest critic of Varnhagen’s work in the early 20th century.

KEYWORDS: Varnhagen; IHGB; Biographical compliments.

¹ Doutoranda em História e conexões atlânticas: culturas e poderes (2020) e Mestra na mesma área pela Universidade Federal do Maranhão (2019). Possui Graduação em História (2013) e Especialização em História Social da Cultura (2016) pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Bolsista FAPEMA. Integra o grupo de pesquisa História, cultura letrada e outras linguagens (HILL) da UFMA. Tem interesse nas temáticas da História da Historiografia brasileira oitocentista, especialmente as obras de Francisco Adolfo de Varnhagen e João Francisco Lisboa, História do Brasil Império e Formação do Estado nacional brasileiro no século XIX. E-mail: priscilareds@hotmail.com



INTRODUÇÃO

No dia 3 de julho de 1878, o Jornal do Comércio do Rio de Janeiro veiculou a seguinte notícia:

Morreu o conselheiro Francisco Adolfo de Varnhagen, *Visconde de Porto Seguro*, atualmente enviado extraordinário e ministro plenipotenciário junto ao império-reino da Áustria-Hungria, *cavaleiro da ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo, comendador da Rosa, grão-cruz das imperiais ordens russianas de Santo Estanislau e austríaca da Coroa de Ferro, comendador de número da americana real ordem espanhola de Isabel, a Católica, de número extraordinário da real e distinta ordem espanhola de Carlos III.* [...] Seria longo enumerar as obras importantes com que o preclaro paulista ilustrou a literatura do Brasil, granjeando o *nome imorredouro* que o há de perpetuar nos fastos dos que mais trabalharam pelo progresso da pátria, pela compilação das crônicas brasileiras e pelo adiantamento intelectual de seus concidadãos. *Historiador, corógrafo, geógrafo, poeta, dramaturgo, biógrafo e matemático, foi sempre Conselheiro Varnhagen considerado por seus estudos de superior quilate e pelo seu acrisolado patriotismo.* Na Europa, como diplomata, honrou e representou com dignidade e cortesia a nação brasileira, tornando-se saliente nas questões diplomáticas, ou nas exposições universais que ali se deram. *O falecimento de um brasileiro de tal ordem merece condolências da pátria* (Apud FLEURY, 1952, p. 111-112. Grifo meu).

O falecimento aqui notificado não foi de um sujeito ordinário, mas de um brasileiro que merecia condolências da pátria. As partes grifadas neste trecho da matéria se justificam pelo apelo do periódico em apresentar o falecido Conselheiro Francisco Adolfo de Varnhagen como um nome imorredouro que por seus estudos de superior quilate e acrisolado patriotismo, trabalhou pelo progresso da pátria; do que já se depreende imagens de uma grande figura intelectual e patriota. Para além de um elogio fúnebre, a citação das diversas condecorações recebidas, dos dotes intelectuais e atuação na diplomacia podem demonstrar a marcação de um lugar para Varnhagen dentro do universo das letras do Império. E não um lugar qualquer.

É possível dizer que a imagem do Varnhagen grande historiador da nação começou a ser timidamente delineada quando o historiador ainda era vivo, todavia, só ganhou contornos mais definidos após sua morte. Assim, esse artigo abordou alguns textos biográficos (elogios que apareceram em cartas, necrológios, ensaios e mesmo monumentos) sobre Varnhagen e sua obra, elaborados por sócios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e a maioria saídos na Revista Trimestral do mesmo Instituto, que possibilitaram a formação de uma imagem do historiador-diplomata, e a demarcação de um lugar de produção na história da história do



Brasil, legitimando a importância do Instituto como marco fundador de uma prática historiográfica.

O material básico, portanto, foram textos da época e posteriores, no intento de compreender como essa imagem foi construída por contemporâneos e pósteros².

Varnhagen, historiador da nação

Entre os contemporâneos, a primeira menção no sentido de colocar Varnhagen como o maior historiador da época (ao menos que se tem notícia) veio de João Francisco Lisboa em cartas do ano de 1856. Lisboa havia sido designado pelo IHGB para coletar documentos históricos sobre o Brasil em Portugal, tarefa que anos antes fora desempenhada por Varnhagen.

Sabendo da dificuldade que teria em encontrar a documentação, Lisboa revelou seu desejo de ter Varnhagen “por mestre e guia” nessa missão, e foi mais longe, confessando folgar ao ver pontos “improvisados” do seu trabalho, sobre os quais tinha dúvida, serem “mais larga e judiciosamente averiguados” na *História Geral* de Varnhagen (VARNHAGEN, 1863, p. 68). “Com a mais perfeita estima e distinta consideração”, o jornalista e historiador maranhense também aproveitou para fazer outros pedidos. Demonstrando desânimo quanto a uma melhoria de posição, escreveu:

Duvido pois que se preste demasiada atenção ao meu pedido (de ficar com o cargo que era de Gonçalves Dias), no meio das distrações da política militante, se ela não for fortemente apoiado por pessoas respeitáveis. Escrevi a algumas; pretendo entender-me em Paris com porém julgo que v. e. é uma das pessoas mais bem colocadas para me servir neste empenho. A sua posição de membro do nosso instituto, e o seu título de *nosso primeiro e único historiador*, formam o voto de v. e, *tão competente como decisivo*. (VARNHAGEN, 1863, p. 68. Grifo do autor)³.

O tom acentuadamente laudatório demonstra que Lisboa não apenas queria que Varnhagen o informasse a localização e os documentos a serem copiados e mandados para o Rio de Janeiro, mas também que o ajudasse a ter melhores relações no Brasil e na Europa, em função de sua posição de *primeiro e único historiador* do Brasil. O nível de confiança e

² No geral, foi conservada a grafia dos documentos. Procurei atualizar/adaptar apenas na medida de não conservar palavras com pronúncia estranha ou eventual erro tipográfico, e não interferir tanto no texto e na pontuação do autor, podendo até mudar-lhe o sentido, embora se tivesse o devido cuidado.

³ Ao publicar a carta, Varnhagen suprimiu o nome citado por Lisboa, colocando pontos em seu lugar.



admiração que o Tímon maranhense dizia ter pelo historiador paulista pode ser aferido em outra carta, de 18 de outubro de 1856, quando fez a seguinte declaração:

Suponhamos todavia que tentasse uma História do Brasil, para que depois da sua? Sou franco, e dir-lhe-ei o que entendo sobre ela. Julgo que quanto ao estilo, carece de retoques e correções - poderá mesmo conter inexatidões históricas e geográficas (a exceção de um ou outro ponto sobre o Maranhão, o mais é mera suposição minha para conceder alguma coisa contra); porém na feliz e sábia disposição do plano, na distribuição das matérias, na conscienciosa e laboriosa investigação dos fatos, fique descansado que em nosso tempo não há de aparecer outro que se lhe ponha adiante. Para empreender e levar ao cabo uma obra destas há-se mester, — *coisas que juntas se acham raramente* - talento, consciência, patriotismo, tempo, paciência, dedicação, e posição ou ocasião - e ciência vasta e variada.

Mas depois de um trabalho como o de v. e. julgo que ainda mesmo aqueles que possuem os dotes, e estiverem na posição que acabo de indicar, andarão mais acertados escolhendo e tratando assumptos mais restritos e especiais como por exemplo — jesuítas, agricultura, guerra holandesa, legislação e forma do antigo governo colonial, etc., etc.

Era o que eu faria se tivesse disposição e capacidade: mas creio bem que me não sucederá (VARNHAGEN, 1863, p. 77. Grifo do autor).

A opinião de Lisboa sobre o estilo de escrita de Varnhagen, seu empenho no trabalho de pesquisa e a junção de diversas qualidades que concorriam para garantir seu posto de “grande historiador”, também apareceu nos trabalhos biográficos posteriores ao falecimento de Varnhagen.

O mais famoso necrológio foi escrito por Capistrano de Abreu. No *Necrológio do Visconde de Porto Seguro* (1878), Abreu contribuiu com a primeira análise mais substancial sobre a pessoa Francisco Adolfo de Varnhagen, atrelada ao ofício de historiador-diplomata. Começando o texto com a afirmação de que a Pátria trajava de luto pela morte de “seu historiador”, Abreu reconheceu que ele muitas vezes conseguiu se colocar sob o verdadeiro “ponto de vista nacional”, e que tal mérito construiu a matriz historiográfica que sobreviveria por muito tempo no ensino brasileiro (ABREU, 1931, p. 127-135). Mas, em Abreu, o ponto de vista nacional conseguido por Varnhagen valeu a alcunha de “quadros de ferro”, porque nem só de puro elogio foi feito o *Necrológio*. Também em outro ensaio, *Sobre o Visconde de Porto Seguro*, Capistrano de Abreu salientou a “sina” que acompanhou Varnhagen para a investigação em cartórios e bibliotecas, afirmou ser necessário enxergar suas qualidades debaixo dos seus defeitos, pois escavava documentos, determinava a autenticidade, mas pecava na compreensão dos fatos. A reserva maior de Abreu era não ver em Varnhagen o modo pelo qual se organizava



a vida social, resultante de seu desdém pelas teorias sociológicas em voga na metade do século XIX (ABREU, 1931, p. 129-139).

Capistrano de Abreu ter dado o nome de “quadros de ferro” para o que identificou como a matriz historiográfica varnhageniana indicava uma referência pessoal básica nos elogios biográficos sobre aquele autor: a região montanhosa onde nasceu era apelidada de Morro de ferro, por conta da abundância do referido mineral, e este foi extraído pela Fábrica na qual seu pai foi diretor. Estava dado um dos elementos que ajudaram na urdidura da narrativa acerca do personagem Varnhagen, ou seja, seu lugar de nascimento.

O fato de ter nascido no Brasil foi exaltado desde quando Varnhagen estudava em Portugal. Uma evidência encontra-se na carta de Vasconcellos de Drummond, lida na sessão do IHGB de 11 de janeiro de 1840. Drummond comentou com Januário da Cunha Barbosa que era motivo de muita satisfação saber que Varnhagen “se ocupa com tanto cuidado das coisas do Brasil”, porque “O lugar do nascimento cria inclinações profundas no coração do homem” (IHGB, 1840, p. 140). Na colocação de Abreu, Varnhagen foi um “destemido bandeirante à busca de mina de ouro da verdade” histórica (ABREU, 1931, p. 127). As condições de nascimento de Varnhagen, filho de alemão e nascido em Sorocaba, forneceram dois fundamentos sobre os quais as biografias foram estruturadas: a disposição para o estudo e a circunspeção herdada do sangue alemão, e a bravura herdada do lado paulista. A premissa inicial de cada elogio concorreu para a formação da primeira imagem do *Visconde*, envolvida pelo *ethos* germânico e paulista do historiador-bandeirante.

A ideia do personagem histórico Francisco Adolfo de Varnhagen, historiador dotado de grande rigor teórico e uma personalidade pouco flexível ultrapassou o discurso do ambiente acadêmico, espalhando-se até para a representação visual que se tem de sua pessoa, ou melhor, da escolha da imagem que mais se adequava ao que foi posto. As biografias, os monumentos, as homenagens póstumas em geral, produziram e conservaram o “mito Varnhagen” alicerçado em características como a descendência, a nacionalidade e o temperamento, o que confirma a afirmação de Renilson Ribeiro, segundo a qual:

Toda biografia de cunho essencialista e apologética que se preze estabelece como momento fundante de um indivíduo a sua origem, o seu *ethos*. Há uma obsessão pela árvore genealógica e pelo lugar de nascimento, elementos determinantes na configuração da identidade – as marcas – do sujeito. Definir a família e a nacionalidade, por esta lógica, é tarefa crucial para a constituição do perfil e da cronologia do biografado (RIBEIRO, 2009, p. 60).



No caso de Varnhagen, a “regra” foi cumprida, sua cidade natal e origem familiar foram colocadas como chaves essenciais na formação de sua personalidade e, conseqüentemente, na produção de sua obra.

Celebrando aniversário de nascimento, morte ou publicação de obra, Varnhagen foi propósito de discurso em várias sessões comemorativas no IHGB. Para Renilson Ribeiro, os letrados do Instituto construíram seu objeto, o seu mito ou herói intelectual, ao tempo em que falaram sobre ele (RIBEIRO, 2009, p. 20). O acolhimento da imagem de Varnhagen como um historiador predestinado a sê-lo por algum motivo, seja nascimento ou contexto de vivência, foi marcante nesses discursos.

Essa figura de um “pai fundador” precisa ser problematizada, uma vez que pode servir para a preservação de lugares de poder e de interpretação da história do Brasil. Um primeiro aspecto, nesse sentido, é que essas biografias publicadas nas páginas da Revista do Instituto serviram (e servem) a uma memória construída que arrogou para si (o próprio Instituto) o papel de *locus* fundacional da historiografia brasileira. Isto é, na medida em que falavam de Varnhagen, falavam da instituição, criando o Varnhagen historiador da nação, divulgavam também o IHGB centro produtor e irradiador da história nacional.

Com uma crítica ou outra, os discursos, depois impressos, acabavam sendo feitos como uma louvação dos próprios colegas de agremiação, pois, como assinalado por Lilia Moritz Schwarcz, a homenagem também era dirigida à instituição e à própria nação, criando um elo entre todos os envolvidos na operação e tendo como objetivo maior a exaltação (SCHWARCZ, 2013, p. 54). Quanto mais destacado fosse o autor escolhido para proferi-lo, tanto melhor para o defunto (mais honroso) e o entorno dele.

O verniz moralizante dessa modalidade justificava a aposta dos sócios em sua inserção na Revista do Instituto. As virtudes da conduta e da obra dos brasileiros ilustres forneciam peças para um mosaico mais amplo, conjugando exemplos para as gerações posteriores e servindo de “luz e guia” na marcha rumo à elaboração de um sentido histórico para o Brasil independente. O que demonstra a sobrevivência da tradição de uma história *magistra vitae*, com referência especial ao trabalho de um autor antigo de grande prestígio dentro do Instituto, Plutarco, para quem havia uma íntima ligação entre moral e história, pois buscava no passado ensinamentos para o presente através do exemplo de seus personagens (SCHMIDT, 2003, p. 58).



Os “guardiões do tribunal da posteridade” do IHGB legavam muito respeito e admiração aos mortos ilustres, como é possível perceber nessa fala de 1848 do então orador da academia Manoel de Araújo Porto-Alegre, para quem, das oblações consagradas ao homem:

são sem dúvida as mais nobres, e as que entram no domínio do heroísmo, as honras conferidas aos mortos. Um povo se retrata todo inteiro nas honras que conferem aos mortos ilustres [...]. As nações que entregam ao vento as cinzas dos seus beneméritos, não tem futuro: são raças barbarizadas (PORTO-ALEGRE, 1848, p. 219).

Um benemérito cujas cinzas não foram jogadas ao vento foi o Visconde de São Leopoldo, primeiro presidente do IHGB. Analisando o elogio biográfico do mesmo, Maria da Glória de Oliveira afirmou que a vocação para os estudos históricos era encarada como uma escolha marcada por sacrifício e abnegação, mais que propriamente por um talento artístico e original, ou manifestação de um gênio (OLIVEIRA, 2011, p. 158). Essa constatação é também válida para Varnhagen, que se colocava como alguém disposto a sofrer as mais duras censuras e ingratidões em nome das *ideias justas* que dizia defender. Nos rastros de Cícero e Plutarco, os consócios que se dispuseram a “escrever a vida” de Varnhagen teceram os fios assegurando-lhe um espaço na galeria dos brasileiros ilustres.

A frequência com que Varnhagen se referiu ao seu trabalho intelectual nas cartas se refletiu nesses trabalhos: foi homem de letras na correspondência e o mesmo nos elogios póstumos. Na realidade, aspectos que podem ser observados na relação epistolar como o apreço pelo Brasil, o intenso trabalho de arquivo, os pruridos de vaidade intelectual e as polêmicas mais graves, entre outros, tiveram sua cota de participação garantida nesses elogios biográficos.

O curioso, no entanto, é que durante toda a vida Varnhagen reclamou da falta de reconhecimento que o IHGB demonstrava a respeito de seu trabalho. Na carta de 24 de setembro de 1856, lamentou ao Imperador D. Pedro II:

Que exemplos, Senhor, “aos futuros escritores”, quer dar esse Instituto, que escolhi para pedestal do nome de V. M. I. na portaria da minha obra! – Triste e esmorecido com tanta indiferença, ou talvez antes oposição e miséria, sigo entretanto agora com a impressão; mas creio que V. M. I. não se Oporá a que eu não o lance à fogueira inquisitorial do juízo público, enquanto não receber, senão a censura do Instituto ao 1º, ao menos algumas palavras autênticas dele, por onde me conste se não levou na consideração que eu lhe quis dar o título com que me apresento no frontispício, para que no 2º volume eu possa apresentar-me assim ou de outro modo: v. gr. com as desonras de “*Ex-sócio &c*”.



A última Revista que vi (na Academia de História) é a nº 15 do 3º trimestre de 54; porém consta-me que no Relatório apresentado há pouco, nem se mencionou o meu nome, e só numa das recentes revistas vem um escrito em que sou “beliscado com unhas *muito duras*”, bem que felizmente “com uma *iniquidade clamorosa*”. Não sei a que se alude com estas expressões de uma carta que recebi; mas creio que se tiver razão me hei de queixar de que a Redação do Instituto, protegido por V. M. I., deixe passar tais ataques clamorosamente iníquos contra quem alguns serviços tem prestado ao mesmo Instituto, *desde o seu princípio* (VARNHAGEN, 1961, p. 236. Grifo do autor).

Varnhagen reclamou do que entendia como ingratidão de seus colegas que, além de ignorá-lo, ainda o censuravam, revelando uma irritação pincelada de sarcasmo: no segundo volume da *História Geral* deveria se assinar como um “ *Ex-sócio &c*”? O historiador se apresentava colérico por conta da *indiferença oficial* do Instituto, todavia, meio século depois de sua morte, um dos primeiros aspectos enfatizados no discurso de homenagem foi justamente o fato de o primeiro volume da *História Geral* (1854) ter aparecido assinado apenas por *um sócio do Instituto Histórico do Brasil, natural de Sorocaba*.

Nas *Recordações sobre Varnhagen*, Ricardo Moniz relatou que “Os Porto-Alegre (Manoel de Araujo), Macedos (Joaquim Manoel de), Joaquim Norberto que de longe o elogiavam, logo que ele deles se aproximou não o chamavam senão por um trapeiro”. E arrematou: “Varnhagen não se sentia bem no Instituto e queria todo custo pôr-se a panos”, por isso mesmo “O Imperador era o seu alvo” (Apud RODRIGUES, 2008, p. 154). Seria o paradoxo da *indiferença* enquanto vivo e a celebração depois de morto?

Em certo sentido, esses autores não fizeram mais que seguir o plano estipulado desde a fundação do Instituto e que foi apresentado no *Discurso* de Cunha Barbosa, isto é, não relegar ao esquecimento o nome dos brasileiros que “honraram a pátria por suas letras e por seus diversos e brilhantes serviços” (BARBOSA, 1839, p. 14). Mas o caso de Varnhagen foi adiante, porque as apropriações de sua figura feitas pelo IHGB auxiliaram na construção de uma tradição historiográfica.

Segundo Benito Schmidt, cabe ao biógrafo acompanhar o “fazer-se” do indivíduo ao longo de sua vida, levando em conta os espaços sociais por onde ele se movimentou, e suas percepções subjetivas, oscilações, hesitações e também o acaso (SCHMIDT, 2003, p. 69). Desse modo, os pronunciamentos grandiloquentes e laudatórios dos membros escolhidos para discursar buscavam individualizar e immortalizar o defunto em meio a expressões retóricas de dor, como a prática, instituída pelos patriarcas do Instituto, de que a sessão aniversária fosse



como “o dia a principiar com as rosas da aurora, a continuar-se com os fulgores do sol, e a acabar enfim nas sombras da noite melancólica”, ao “visitar em seus jazigos nossos irmãos” (MACEDO, 1878, p. 471)⁴.

O jazigo de Varnhagen foi visitado em 1878, quando foi homenageado na sessão solene voltada para recordar os membros falecidos ao longo do ano. O orador do Instituto naquele momento, Joaquim Manoel de Macedo, incumbiu-se de presidir a cerimônia, e em sua fala destacou o interesse por história do Brasil demonstrado por Varnhagen desde “mancebo”, possibilitado também pela condição que lhe era peculiar de aliar a inflexibilidade germânica no culto das ideias com a dureza justificante do “metal do seu berço”, pois foi “embalado em ninho de ferro”. Para Macedo, Varnhagen era o primeiro historiador do Brasil até aquele momento, e por isso “foi homem-monumento por seus trabalhos históricos”, merecendo o título de “escrupuloso iluminador da história do Brasil” (MACEDO, 1878, p. 483-489). Todavia, levando-se em conta que Varnhagen não era unanimidade dentro do Instituto, resta saber se o elogio de Macedo era sincero ou uma fina ironia...

Em 1903, no discurso de posse na Academia Brasileira de Letras (ABL), Oliveira Lima, que escolheu a cadeira 39 cujo patrono é Varnhagen, afirmou que o historiador paulista foi um “exemplar precioso [...] da raça, do meio e do momento” (LIMA, 1903, s/p)⁵, sintetizando numa só frase os três aspectos básicos para a construção do perfil do seu biografado: a origem, o lugar e o contexto. Como se pode perceber, esses elementos se repetem, sendo a tônica do discurso de Macedo, de Lima, no *Necrológio* de Abreu e nos demais elogios biográficos aqui mencionados.

⁴ A celebração da memória dos sócios falecidos era de vital importância dentro da estrutura de funcionamento do IHGB. Prevista nos Estatutos do grêmio, era uma das principais funções do orador, a quem cabia fazer o elogio, bem como o discurso fúnebre na cerimônia de sepultamento e nas sessões aniversárias, como foi o caso desta.

⁵ Escrita no início do século XX, quando o cientificismo, o darwinismo eram correntes fortes na intelectualidade brasileira, a frase de Oliveira Lima tinha clara inspiração em Hyppolite Taine. Não especularei aqui a existência de uma influência do cientificismo no pensamento de Varnhagen, a este respeito parece-me valer mais a observação de Capistrano de Abreu no *Necrológio* de 1878, quando lamentou o fato de Varnhagen ter ignorado ou desdenhado do “corpo de doutrinas criadoras que nos últimos anos se constituíram em ciência sob o nome de sociologia”. Embora tenha vivido e escrito, sobretudo, na Europa, o momento de Varnhagen ainda não foi o caracterizado por Sílvia Romero como o da chegada do “bando de ideias novas” ao Brasil, na segunda metade do século XIX. A reflexão de Oliveira Lima foi mais uma leitura de sua própria época do que uma característica patente da obra de Varnhagen. Ver: ABREU, 1931, p. 139; e o ensaio *Explicações indispensáveis* de Sílvia Romero, publicado como prefácio de *Vários escritos*, livro póstumo de Tobias Barreto, editado por Romero no ano de 1900.



Atribuindo o epíteto de reformador dos estudos históricos no Brasil que merecia um “vistoso altar no templo da Minerva Americana”, Lima se preocupou em tecer algumas considerações a respeito da escrita de Varnhagen, destacando que:

Se não era um homem de ciência como Humboldt, tão pouco era Varnhagen um estilista como Renan. Escrevia com gravidade, com correção, por vezes com fluência, mas sem elegância nem brilho. Quando mais apurada, isto é, quando se eleva ou mesmo se empola para condizer com o assunto, ou para traduzir os sentimentos nobres que animam, a sua linguagem perde toda a agilidade sob o peso dos atavios que, embora pouco gracioso, não seriam ainda assim julgados excessivos e de mau gosto se por causa deles não ficasse emperrada a expressão do autor (LIMA, 1903, s/p).

O estilo de escrita de Varnhagen foi recorrentemente qualificado como pouco brilhante. Correto (que era de sua preferência), mas árido (Varnhagen dizia não querer *empolar* o estilo). Na opinião de Lima, embora não comprometesse a qualidade da narrativa, a linguagem de graciosidade limitada de Varnhagen não poderia passar despercebida. Num outro momento, nem a ocasião e os elogios proferidos por Pedro Lessa em discurso no IHGB em 1916 foram suficientes para conter o comentário de que o drama *Amador Bueno* (1847) não era uma “obra de arte” e o poema *Caramuru* (1848), um “crime horrendo” (LESSA, 1917, p. 616).

Um traço sublinhado por Oliveira Lima e que não apareceu tanto nos demais textos biográficos foi o “ressentimento” de Varnhagen com os colegas do Instituto, o “ânimo quebrantado” de que se queixou na velhice. Para Lima, o desânimo de Varnhagen não era só devido à hostilidade da agremiação revelada, sobretudo, por conta da sua posição de refratário ao indianismo romântico (que circulava no IHGB), mas também pela impossibilidade de chegar ao grande público, granjear uma maior popularidade (LIMA, 1903, s/p).

Ao modo das “comparações culinárias”, como denominou, Oliveira Lima conclui que:

Varnhagen foi e continua a ser a peça de resistência da nossa refeição histórica, o assado sólido, gordo, apetitoso na sua simplicidade, pois é cozinhado à velha moda portuguesa, sem adubos nem temperos franceses, com um molho leal e nenhum acompanhamento. Dessa peça, um artista menos escrupuloso ou mais destro corta uma lasca, condimenta-a, guarnece-a de túbaras e de cogumelos e apresenta um novo prato, menos substancial, porém grato ao paladar e falsamente leve para o estômago. O abuso de tais pratos, dizem todavia os médicos, que predispõem à gota, a qual para os diletantes do espírito se chama a impotência criadora. Aquele que se alimenta de comidas nutritivas, mas singelas e sãs, tem mais probabilidade de resistir aos anos com saúde, como resistiu Varnhagen às inovações literárias, aos caprichos do estilo, às variações da forma, porque nele primava a preocupação do fundo, e porque resolvera manter-se firme à sua concepção histórica, que era a indagação do ponto



verdadeiro, e obediente à sua norma literária, que precedia pela verificação da opinião aventada (LIMA, 1903, s/p).

Este trecho diz muito a respeito do que Varnhagen entendia ser o trabalho do historiador, no entanto, o que importa reter nesse momento é que a avaliação de Lima se mostrou favorável à produção de Varnhagen, apesar das reservas de estilo e da diferença de preocupações que caracterizavam o tempo em que escrevia e o tempo em que Varnhagen escreveu. Lima entendeu que Varnhagen foi essencialmente um homem de letras, embora oficialmente tenha sido um diplomata cuja franqueza, patriotismo e americanismo o tornavam pouco afeito a arte de engolir desfeitas, por isso os rompantes coléricos como o abandono, sem permissão do governo imperial, do posto nas Repúblicas do sul da América.

No aniversário de 50 anos de falecimento de Varnhagen, o sócio designado para proferir o discurso foi Basílio de Magalhães. Anotando que outros consócios já haviam feito uma análise da “psicologia pessoal” e da “obra complexa” do “fecundo polígrafo” em outras ocasiões, ainda assim Magalhães reiterou pontos como a nacionalidade, para explicar a volumosa bibliografia produzida pelo historiador. O orador ressaltou o patriotismo como o “móvel que propeliu Varnhagen ao seu minucioso e magnífico trabalho sobre a nossa maior epopeia bélica do período colonial”, concluindo a esse respeito que o verdadeiro patriotismo não consistia em palavras ocas e retumbantes, como na celeuma dos Parlamentos e da imprensa, e sim “na meditada e percuciente visão de conjunto do dinamismo e das necessidades do país”, bem como “do ritmo deste no concerto do continente e da finalidade que lhe predestinam, no universo e na história, os fatores do passado e as forças propulsivas do presente” (MAGALHÃES, 1928, p. 901-904)⁶.

Tratando da má vontade que Varnhagen teve com os irmãos Andrada, sobretudo José Bonifácio, Magalhães questionou um aspecto sensível do trabalho do historiador afirmando que a imparcialidade absoluta não passava de um “mito”, pois mesmo um historiador pragmático (como o qualificou Oliveira Lima) não deixava de intrometer os seus móveis ideológicos e motivos pessoais nas considerações sobre os fatos (MAGALHÃES, 1928, p. 902). Uma característica interessante desse discurso, que mais tarde apareceu também na extensa biobibliografia escrita por Clado Ribeiro de Lessa, foi a divisão em itens (capítulos), cada um destinado a analisar os percursos de Varnhagen nas diversas áreas do conhecimento pelas quais

⁶ Magalhães se referiu ao volume da *História das lutas com os holandeses*, editado por Varnhagen em 1871.



transitou: o historiador, o etnógrafo, o diplomata, o político e economista, o crítico e polemista, o biógrafo e epistológrafo. Diante de tantos atributos, para o orador, Varnhagen era referência para o presente e a “grandeza ciclópica do futuro” do Brasil com sua obra elevada ao status de *monumentum aere perenius* (MAGALHÃES, 1928, p. 936).

Num pronunciamento de 1964, Hélio Viana se propôs a tratar das “singularidades” de Varnhagen, oferecendo algumas notas sobre as sete edições da *História Geral* e as cinco edições da *História da Independência*, comemoradas na ocasião. Viana pintou um quadro particular de Varnhagen, elucidando traços pitorescos do modelo de escrita do autor, novamente para atestar que ele não tinha muito tino poético para fazer evocações literárias e históricas. Outra coisa miúda bastante curiosa a respeito do homenageado e mencionada por Viana seria a “singularidade” de Varnhagen em cometer a infidelidade de “esconder o leite”, ou seja, esconder um documento que era do seu conhecimento, ainda que o citasse em seu trabalho (VIANA, 1964, p. 360). Esse “detalhe” da omissão de citação por parte do historiador também foi assinalado por outros comentadores como Rodolfo Garcia e Manoel Bomfim, o que se mostra estranho e grave para quem era crítico ferrenho de plagiários, autores que omitiam suas fontes (portanto, que faltavam com a verdade), inclusive travando polêmica por conta disso.

Viana caracterizou Varnhagen como um “diplomata que mais prezava os diplomas, no sentido documental da palavra, que as futilidades da carreira cosmopolita”, mas reconheceu que ele não foi subserviente só para agradar (VIANA, 1967, p. 232). Um bom exemplo disso foi quando mostrou-se completamente desfavorável ao épico *Confederação dos Tamoios* (1856), do colega Gonçalves de Magalhães, ainda que o poema tivesse sido dedicado à D. Pedro II, e o próprio monarca defendido (e nobilitado com o título de Visconde de Araguaia) o poeta das críticas do então jovem José de Alencar, que despontou no cenário das letras justamente a partir dessa polêmica. E Varnhagen fez isso numa carta endereçada ao Imperador.

A edição abril-junho de 1967 da Revista do IHGB trouxe o chamado Curso Varnhagen, consistindo em três ensaios escritos por Américo Jacobina Lacombe, Thiers Martins Moreira e José Honório Rodrigues, tratando das ideias políticas do historiador, sua relação com a Literatura portuguesa e a posição de mestre da *História Geral do Brasil*, respectivamente. Lacombe enfatizou a conjuntura política na qual Varnhagen iniciou seus trabalhos evocando uma famosa frase de Joaquim Nabuco no livro *Um estadista do Império* (biografia política de seu pai, José Thomaz Nabuco de Araújo), a de que a “Nação deixava-se suavemente deslizar para a monarquia” (LACOMBE, 1967, p. 167).



Varnhagen não só deslizou como foi defensor enérgico do regime monárquico, que viu como única saída face o risco de fragmentação do Brasil, e capaz de promover/garantir a unidade num período de profundas convulsões sociais como as Regências. Por conta de convicções como essa, sua obra herdou acusações como a de que foi escrita por um “reacionário bragantista”, atribuída por Manoel Bomfim (BOMFIM, 2013, p. 126). No cenário mais amplo das posições políticas de Varnhagen, Lacombe advogou que não eram as ideias que horrorizavam, mas o impacto do estilo direto e sem contemplação por correntes intelectuais que o cercavam como o indianismo romântico, da qual Varnhagen foi ilustre antipatizante (LACOMBE, 1967, p. 142).

Para Thiers Martins Moreira, mesmo que no início da carreira Varnhagen tivesse estado “entre portugueses, é um americano”, o que o diferia substancialmente de seu colega de formação Alexandre Herculano, cuja preocupação era sua terra, Portugal (MOREIRA, 1967, p. 160).

A lista acompanhada até aqui não poderia excluir a maior biografia de Varnhagen já escrita. Refiro-me ao projeto de Clado Ribeiro de Lessa intitulado *Vida e obra de Varnhagen*. No decorrer de sete longos capítulos, publicados em seis volumes da Revista do IHGB, Lessa rastreou cartas, livros, panfletos e qualquer material escrito pelo *Visconde de Porto Seguro*, num árduo trabalho de pesquisa em Portugal e no Brasil, sobretudo. Admirador assumido de Varnhagen, Lessa concordou com alguns aspectos tratados por outros autores, mas também defendeu Varnhagen, por exemplo, das acusações envolvendo a questão dos índios, alegando que o historiador só justificava a escravização dos povos “inferiores” como primeira etapa para sua integração na vida civilizada, e que era consciente da oposição que sofreria por parte dos “bugrófilos”, isto é, dos indianistas (LESSA, 1955, p. 86-87).

Em todos os elogios biográficos aqui elencados o conteúdo poderia divergir ligeiramente, lamentar as “incorreções” ou “imperfeições de forma”, alfinetar a respeito de suas posições políticas (o exemplar do primeiro volume da *História Geral* por ele remetido foi “engavetado” - provavelmente pelo tratamento dado aos indígenas), mas todos convergiram para um mesmo ponto: até ali Varnhagen estava insuperado como o autor do “maior



monumento erigido em honra do nosso passado” (MAGALHÃES, 1928, p. 892). No panteão de papel construído pelo IHGB, Varnhagen foi brasileiro ilustre por letras e virtudes nacionais⁷.

Essas biografias oferecem um panorama geral e particular do caleidoscópico Francisco Adolfo de Varnhagen, mas é interessante comentar que de outro local, bem mais inusitado que uma instituição como o IHGB, também saiu uma homenagem para o historiador. Ao longo da correspondência Varnhagen falou em ilustrar seu nome, no julgamento que a posteridade faria de sua obra, mas seria impossível prever que viraria enredo de escola de samba. Foi o que aconteceu no ano de 1969, quando o G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel, do Rio de Janeiro, levou o samba-enredo *Vida e Glória de Francisco Adolfo de Varnhagen* para a Marquês de Sapucaí.

A letra do samba reproduziu muitos elementos que apareceram em algumas biografias de Varnhagen e que foram tratados aqui. A música cantada na avenida dizia assim:

São Paulo, terra dos bandeirantes, torrão natal de um artista tão brilhante. Francisco Adolfo de Varnhagen, ilustre personagem, este vulto imortal, exaltamos neste carnaval. Glória ao eminente historiador, assim cantamos em seu louvor. Ô ô ô ô ô ô ô. Apresentamos nesta passarela, esta história tão bela de Visconde de Porto Seguro, este gênio do passado foi honrado e agraciado com justas distinções, por outras grandes nações, obras literárias deste notável escritor, são lidas até hoje, mostrando seu real valor. Existe no Largo da Glória o busto deste grande brasileiro, embelezando ainda mais, o cenário do Rio de Janeiro (GRÊMIO RECREATIVO ESCOLA DE SAMBA MOCIDADE INDEPENDENTE DE PADRE MIGUEL, 1969, s/p)⁸.

Observa-se que logo na primeira linha do samba, antes mesmo do nome do homenageado, está a referência ao lugar onde ele nasceu, *São Paulo*, acrescido do qualificativo *terra dos bandeirantes*, ou seja, novamente o Varnhagen *bandeirante*, porque *paulista*. O tributo ao trabalho intelectual do autor também se apresentou: *gênio do passado*, ganhou *justas distinções*, e suas obras *são lidas até hoje*. Como na notícia do falecimento publicada no Jornal do Comércio, Varnhagen teria sido um *vulto imortal*.

⁷ Alusão ao nome de uma seção da Revista Trimensal do Instituto chamada *Biografia dos brasileiros ilustres por armas, letras, virtudes, etc.*, para a qual Varnhagen colaborou com muitos trabalhos. Do elogio aos vultos da nação, tornou-se ele mesmo um deles. Sobre a fabricação dos vultos nacionais, ver: ENDERS, 2014.

⁸ Samba-enredo do Grêmio Recreativo Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel, carnaval de 1969. Carnavalescos: Guilherme Martins e Alfredo Briggs; autor do samba: Volta Seca (apelido, não foi possível identificar o nome verdadeiro). Já falecido o autor do samba, não se sabe a razão da homenagem.



O busto de que falou o samba se encontra na Praça Paris, bairro da Glória, no Rio de Janeiro. Esculpido por José Otávio Correia Lima, foi inaugurado em 21 de outubro de 1938 em celebração ao centenário da fundação do IHGB. Outro monumento à memória de Varnhagen está localizado nas terras da antiga Real Fábrica de Ferro de São João de Ipanema, construído quatro anos após seu falecimento. Conforme pedido em testamento, foi levantada a *cruz tosca* (no Morro do Araçoiaba, nas terras onde nasceu). O monumento foi dedicado:

à memória de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, nascido na terra fecunda descoberta por Colombo, iniciado por seu pai nas coisas grandes e úteis. Estremeceu sua Pátria e escreveu-lhe a História. Sua alma imortal reúne aqui todas as suas recordações (Apud CEZAR, 2007, p. 186).

A autoria da mensagem é desconhecida, mas é nítido que seu autor seguiu literalmente as instruções do então futuro defunto: mencionou o Brasil, o pai e a *História Geral*. O monumento mais recente foi erigido em virtude das comemorações pelos 200 anos de seu nascimento. Em fevereiro de 2016, os restos mortais do *Sr. Visconde* foram retirados da Praça Edmundo Valle, e hoje descansam num monumento com busto em bronze em frente ao Mosteiro de São Bento, no Largo de São Bento, em Sorocaba (NOGUEIRA, 2016, s/p).

Tais elogios ao trabalho e/ou a pessoa de Varnhagen incorreram no que Pierre Bourdieu chamou de “ilusão biográfica”, ao discorrerem sobre a vida do historiador como se esta fosse um percurso orientado, linear, que teve um começo, etapas e um fim, um caminho que ele percorreu e que devia ter percorrido (BOURDIEU, 2006, p. 183). Por essa lógica, filho de alemão, nascido no ambiente da Fábrica de Ferro e na terra dos bandeirantes, Varnhagen estava destinado a ser um historiador circunspecto, obstinado na busca pela verdade dos fatos históricos, fundidor dessa história e construtor de “quadros de ferro” para a historiografia nacional. O resultado foi a construção de uma imagem do Varnhagen “pai” da historiografia brasileira.

Não cabe aqui diminuir os méritos do trabalho de Varnhagen ou julgar a atribuição de tal epíteto, mas perceber o movimento de como uma trajetória de vida e a obra escrita de determinado personagem deslizam, por meio de discursos, para a formação de um modelo de identificação entre esse personagem e um espaço temporalmente definido.



Um contraponto: Manoel Bomfim

Contudo, nem só de exaltação vive(u) a memória de Varnhagen. Talvez o médico e historiador sergipano Manoel Bomfim tenha sido o mais radical crítico do trabalho do autor. Para cada elogio, uma negação. Para Bomfim, os dotes em questão foram mal empregados por um historiador que trabalhava por “encomenda” e em virtude de realizar sua “fofa ambição”. Historiador de Corte e defensor do governo dos Bragança, Varnhagen teria escrito uma história não do Brasil, mas para o trono. O Brasil desenhado por Varnhagen não se encontrou com o Brasil de Manoel Bomfim, porque o Brasil tal como compreendido por Bomfim demorou a se libertar do jugo português, identificado por ele como destrutivo e ultrajante para a verdadeira tradição brasileira.

Portugal seria uma nação degenerada que se nutriu das riquezas do Brasil, de modo que a política adotada para com a colônia americana consistiu em destruir qualquer traço que pudesse concorrer para a afirmação de uma identidade, já manifesta, mas que deveria morrer para não prejudicar os interesses lusitanos. Não fosse essa postura, Bomfim acreditava que o Brasil teria alcançado sua plena expressão nacional, rompendo com Portugal que sobrevivia apenas por “ser metrópole”. Na luta “pela vida”, a Portugal restava continuar sendo metrópole, ou suicidar-se (BOMFIM, 2013, p. 15).

Bomfim continuou seu quase libelo afirmando que a Casa de Bragança foi o principal condutor da deturpação da história do Brasil, porque foi inimiga do que chamou “tradição brasileira”, isto é, os títulos históricos que deveriam ser procurados, acentuados e afirmados, para marcar a situação que cabia ao país no cômputo das influências que conduziam a humanidade. No caso do Brasil, entendia que sua colaboração na geografia do mundo moderno era irrisória, mas bastante significativa para a feição do Novo Mundo, e essa mesma tradição era a base da nacionalidade (BOMFIM, 2010, p. 143). Assim, na prática de sufoco empreendida pela Coroa, até a Independência em 1822 se fez contra a tradição nacional e o Império, ao esquecer e difamar os genuínos heróis do Brasil, forjou uma história desnaturante e antibrasileira. Em sua opinião, foi esse o tipo de história que Varnhagen sistematizou.

A discordância fundamental entre Manoel Bomfim e os biógrafos aqui citados era a de que o Frei Vicente de Salvador, e não Varnhagen, deveria ser considerado o iniciador da história do Brasil, com a escrita do livro *História do Brasil* no início do século XVII, mas só publicado no século XIX. A esse respeito, Bomfim acusou Varnhagen de ter “sumido” com o único exemplar completo, anotado e corrigido da obra do Frei, pertencente ao acervo da Torre do



Tombo e que foi por ele consultado. Num tom irônico, especulou que se o *Visconde de Porto Seguro* escondia documentos de que se servia, imagine então quem não tinha nobreza, nem primazias! (BOMFIM, 2013, p. 119-123). A completa ausência de simpatia que Varnhagen inspirou em Bomfim foi expressa numa criativa lista de denominações como “historiador mercenário”, “reacionário bragantista” com um “patriotismo de convenção”, chegando a insinuar que Varnhagen teria sido contratado para defender os bragantinos.

Ao maximizar os sentimentos pessoais de Varnhagen, Bomfim associou seu trabalho de escarafunchar arquivos com uma ideia de posse, ou seja, Varnhagen se apossou da história do Brasil para torná-la sua e escrevê-la segundo seus próprios interesses, ao fazer parte do grupo de intelectuais cuja orientação histórica era os “degraus do trono”.

É notório que Bomfim engendrou uma narrativa buscando desconstruir uma outra narrativa de louvor ao trabalho de Varnhagen, inclusive desqualificando a figura pessoal do historiador. Num trecho, afirmou que “Quando chega o momento de falar de si mesmo, quando não podia ser, apenas, inerte e opaco, encontramos-lo – o menos humano dos homens [...]. Contratado para ser brasileiro” (BOMFIM, 2013, p. 125-133), contestando, portanto, a versão “oficial” dada por Varnhagen de que seu amor pelo Brasil o havia feito escolher a nacionalidade brasileira em detrimento da portuguesa, conservada pelos biógrafos. Sua revolta aumentava ao constatar que Varnhagen “fez escola” e que os “sub-Varnhagen”, como chamou os historiadores posteriores, continuaram a escrever seguindo os passos do historiador sorocabano. Com uma diferença, o que Varnhagen conseguiu com uma demorada pesquisa arquivística, outros como Fernandes Pinheiro, Joaquim Manoel de Macedo e Moreira de Azevedo tentaram preencher com o esforço erudito, como se nada de tão importante tivesse escapado a *História Geral*. O problema estava em que a *História Geral* de Varnhagen, na ótica de Bomfim, não era a história nacional, mas uma história para entregar o Brasil à Casa de Bragança.

Para Bomfim, a história nacional varnhageniana não foi uma história brasileira de fato, porque menosprezou o que era verdadeiramente nacional para valorizar o colonizador que só causou males, que deveriam ser extirpados, não aplaudidos. Os “quadros de ferro” de Varnhagen, seu valor científico, seu papel na construção de determinado tipo de memória e sua força na elaboração de uma matriz explicativa da história brasileira constituiu um paradigma ainda em voga no início do Novecentos.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do artigo, revisei alguns elogios biográficos dedicados ao historiador Varnhagen e sua obra. Escritos em sua maioria por membros do IHGB, tais elogios concorreram para delinear a imagem de um Varnhagen primeiro grande historiador brasileiro, no sentido de um nativo que se empenhou e efetivamente escreveu uma obra extensa sobre a história de seu país, alicerçada em volumosa pesquisa documental realizada, sobretudo, em arquivos da Europa.

Nesse movimento, os sócios que se ocuparam em pronunciar/escrever discursos a respeito de Varnhagen e sua produção o elevaram ao nível de maior historiador de seu tempo. Com isso, elevavam também o próprio Instituto, que o tinha como membro ilustre. O sentido conferido à vida de Varnhagen nesses elogios biográficos apontou para a adoção de um ponto de vista comum: a explicação da vida de Francisco Adolfo a partir do cânone Varnhagen⁹. A partir de sua própria escrita ou de escritos de outras pessoas, Varnhagen alcançou um posto destacado na historiografia brasileira, e tais discursos contribuíram para a tarefa.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, João Capistrano de. Necrológio do Visconde de Porto Seguro. In: _____. **Ensaios e Estudos**. 1ª série. 2. ed. Rio de Janeiro: Sociedade Capistrano de Abreu, 1931.

BARBOSA, Januário da Cunha. Discurso de inauguração do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. **RIHGB**, Rio de Janeiro, TOMO I, 1839.

BOMFIM, Manoel. O Brasil modelou a América. In: GONTIJO, Rebeca. **Manoel Bomfim**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2010.

_____. **O Brasil na história: deturpação das tradições, degradação política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks; Belo Horizonte: Puc Minas, 2013.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006.

⁹ Forma parodiada do trecho final do ensaio de Daniela Maria Megid sobre biografias de Machado de Assis. A formulação original é: “o sentido que é conferido à vida de Machado de Assis nas três biografias parece apontar para adoção de um mesmo ponto de vista analítico - a explicação da vida de Joaquim Maria a partir do cânone Machado de Assis”. Ver: MEGID, 2012, p. 167.



CEZAR, Temístocles. Varnhagen em movimento: breve antologia de uma existência. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p.159-207, jul./dez. 2007.

FLEURY, Renato Sêneca. **Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, “Paulista de Sorocaba”**. São Paulo: Melhoramentos, 1952.

IHGB. Carta de Antonio Menezes Vasconcellos de Drummond ao Secretário Perpétuo Januário da Cunha Barbosa. Sessão de 11 de janeiro de 1840. **RIHGB**, Rio de Janeiro, TOMO II, 1840.

LACOMBE, Américo Jacobina. As ideias políticas de Varnhagen. **RIHGB**, Rio de Janeiro, v. 275, p. 135-154, abr./jun. 1967.

LESSA, Clado Ribeiro de. Vida e obra de Varnhagen. **RIHGB**, Rio de Janeiro, v. 227, p. 85-236, abr./jun. 1955.

LESSA, Pedro. Sessão Solene Especial, em 17 de fevereiro de 1916, comemorativa do centenário do nascimento do Visconde de Porto Seguro. **RIHGB**, Rio de Janeiro, TOMO 80, 1917.

LIMA, Manuel de Oliveira. **Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras**. 1903. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/oliveira-lima/discurso-de-posse>. Acesso em: 09 jul. 2017.

MACEDO, Joaquim Manoel de. Discurso do orador. **RIHGB**, Rio de Janeiro, TOMO XLI, p. 471- 506, out./dez. 1878.

MAGALHÃES, Basílio. Sessão comemorativa do 50º aniversário do falecimento de Francisco Adolfo de Varnhagen (Visconde de Porto Seguro) – realizada em 20 de junho de 1928. **RIHGB**, Rio de Janeiro, TOMO 104, v. 158, abr./jun. 1928.

MEGID, Daniela Maria. De homem a personagem: as construções sobre Machado de Assis nas biografias. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). **Grafia da vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica**. São Paulo: Letra e Voz, 2012.

MOREIRA, Thiers Martins. Varnhagen e a História da Literatura Portuguesa e Brasileira. **RIHGB**, Rio de Janeiro, v. 275, abr./jun. 1967.

NOGUEIRA, Leandro. Mosteiro recebe restos mortais de Varnhagen. **Jornal Cruzeiro do Sul**, Sorocaba, 18 fev. 2016. Disponível em: <http://www.jornalcruzeiro.com.br/materia/677254/mosteiro-recebe-restos-mortais-de-varnhagen>. Acesso em: 30 jun. 2017. s/p.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. **Escrever vidas, narrar a história: a biografia como problema historiográfico no Brasil oitocentista**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

PORTO-ALEGRE, Manoel de Araújo. Discurso do orador do Instituto. **RIHGB**, Rio de Janeiro, TOMO XI, 1848.

RIBEIRO, Renilson Rosa. **“Destemido bandeirante à busca da mina de ouro da verdade”**: Francisco Adolfo de Varnhagen, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a invenção da



ideia de Brasil Colônia no Brasil Império. 391 p. Tese. (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2009.

RODRIGUES, José Honório. **História e historiografia**. Petrópolis, RJ: 2008.

SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia e regimes de historicidade. **MÉTIS: história & cultura**, Caxias do Sul, v. 2, n. 3, p. 57-72, jan./jun. 2003.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Biografia como gênero e problema. **História Social**, Campinas, n. 24, primeiro semestre de 2013.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. **Os índios bravos e o Sr. Lisboa, Timon 3º. Apostila e nota G aos nº 11 e 12 do “Jornal de Timon”; contendo 26 cartas inéditas do jornalista, e um extrato do folheto “Diatribes contra a timonice”**. Lima: Imprensa Liberal, 1867.

_____. **Correspondência ativa**. Rio de Janeiro: INL, 1961.

VIANA, Hélio. Singularidade de um historiador. A propósito da 7ª edição integral da História Geral do Brasil e da 5ª edição da História da Independência, de Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro. **RIHGB**, Rio de Janeiro, v. 264, jul./set. 1964.

_____. Correspondência do Visconde de Porto Seguro. **RIHGB**, Rio de Janeiro, v. 274, jan./mar. 1967.

VIDA E GLÓRIA DE FRANCISCO ADOLFO DE VARNHAGEN. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/mocidade-independente-de-padre-miguel/1194904/>. Acesso em: 16 dez. 2017.

Artigo recebido em: dezembro/2021

Artigo aceito em: junho/2022